



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 11ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Bloco dos Inconfidentes posa para foto no hall de entrada do CCJF

Um fevereiro tomado de ritmos brasileiros no saguão de entrada do CCJF

Sabe aquela alegria contagiante que a música e a dança são capazes de trazer? Aquele suspiro agradável e quase repentino em tardes de verão nas quintas-feiras que surpreendem e tem o poder de fazer nosso dia melhor? Pois então, nos dias 6, 13 e 27 de fevereiro, quem passava na frente do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) por volta das 17h pôde se deparar, no hall de entrada, com a grata surpresa de aproveitar os shows do *Atabloco*, *Bloco dos Inconfidentes* e *Grupo Aturiá*, respectivamente. Com apresentações gratuitas e únicas, diferentes ritmos musicais brasileiros que costumam ser menos difundidos junto ao grande público, tomaram o ambiente. Os

Exposições nas galerias do CCJF e nova mostra à vista



Não perca os últimos dias para conferir a exposição *Horizonte Cerrado*, um recorte da coleção de arte contemporânea brasileira de Sérgio Carvalho. A mostra, que fica no 2º andar do CCJF até o dia 23 de março, conta com um acervo de mais de 40 artistas brasileiros e contempla todas as regiões do Brasil, com destaque para a região Centro-Oeste do país.

Já no próximo dia 22, passa a ocupar as galerias do 1º andar do Centro Cultural, a exposição inédita *Cinelocus* (foto), do artista José

artistas, que participaram do festival *Ritmos Brasileiros no Verão*, fizeram do CCJF um grande palco, acessível a todos. A ideia era incentivar a integração da música com o movimento da cidade, em pleno verão carioca.

No dia 6, o *Atabloco*, fundado em 2018 e situado na região da Pequena África, trouxe toques de atabaque com um repertório que transita entre o sagrado e o profano. Na ocasião, Art, músico idealizador e fundador do grupo, tocou o instrumento de percussão dando ênfase a obras autorais e instrumentais, cujos arranjos são elaborados, sobretudo, sob a influência dos toques de Umbanda, religião de matriz africana. Foi um verdadeiro passeio pelas raízes que deram origem a ritmos importantes da música popular brasileira.



Atabloco trazendo toques de atabaque ao público que prestigiava a apresentação

Na quinta-feira, 13, foi a vez do *Bloco dos Inconfidentes* transformar a entrada do CCJF em um baile de pré-carnaval. Com repertório bem eclético – ritmos como Ijexá, Samba, Marchinha, Maculelê e Jongo – e forte influência das canções de protesto, o público conferiu, aplaudiu e dançou canções de artistas consagrados da MPB e cancioneros populares. Tiago Batistone, diretor musical e regente do Bloco dos Inconfidentes, ressalta a importância da arte de rua, como blocos e manifestações culturais, ocuparem o espaço de museus. Ele conta que, desde 2022, o foco do grupo tem sido criar um espaço para estudo de ritmos populares e transmitir o conhecimento e legado de mestres destes ritmos que são convidados a ensinar ao bloco um pouco de seu aprendizado musical. “O tambor é uma herança africana, devemos tratar com muito respeito e carinho aqueles que vieram antes de nós. No *Bloco dos Inconfidentes*, já trabalhamos Carimbó, e, neste módulo recente, trabalhamos o Jongo. Tivemos o apoio do nosso querido mestre, Xande Carvalho”, conta Batistone. Ele adianta que, para os próximos módulos, o grupo pretende trazer outras pessoas e manifestações populares -- algumas pouco vistas no Rio de Janeiro, sempre com muito respeito e com uma escuta aberta ao ensinamento que elas podem trazer.

Damasceno. Já adiantamos por aqui o convite para prestigiar a arte de Damasceno, que propõe uma experiência cinemática em potencial. No dia de abertura (22/03), às 18h, o escritor e compositor Fausto Fawcett realizará, na Sala de Sessões, uma performance em torno do universo visual de José Damasceno. A mostra fica no CCJF até dia 8 de junho. Venha nos visitar!

Leve livros para casa, de forma rápida e simples

pegue & leve

O projeto **Pegue e Leve**, iniciativa da Biblioteca do CCJF, que disponibiliza livros de forma gratuita, segue a todo vapor. Cada visitante do Centro Cultural pode levar até **quatro livros**, por mês, para casa. Basta retirar o exemplar que gostou do carrinho de doações que fica próximo à cafeteria *Café com Arte*, localizada no térreo. Para retirar um livro basta assinar, na recepção, uma lista de controle de retirada e pronto. Fácil e rápido.

Outro reforço é que seguimos aceitando doações de livros. É só trazer aquela história ou livro acadêmico que você já leu e fica empoeirado na estante. Assim, outra pessoa pode ter a oportunidade de ampliar os conhecimentos ou a



Grupo Aturiá animando o público que prestigiu a apresentação no saguão de entrada do CCJF

Fechando o festival musical de verão do CCJF, dia 27 de fevereiro se apresentou o grupo *Aturiá*, que mescla música, dança e performances ao ritmo de Carimbó Pau e Corda. O show trouxe um repertório rico em poéticas do universo caboclo amazônico com composições de grandes mestres do Carimbó raiz, como Verequete, Lucindo, Dikinho e mestra Bigica, além de composições autorais que versam sobre encantarias e o protagonismo feminino. O grupo musical, criado em 2019, atualmente é formado por 10 integrantes mulheres que atuam em rodas e shows. Elas participaram, inclusive, do desfile da Grande Rio, que este ano celebrou as Pororocas Parawaras e as riquezas culturais do Pará. O grupo, bastante aplaudido, animou o público de mais de 60 pessoas que se juntaram no saguão de entrada do CCJF e dançaram ao som do Carimbó.



No palco, os irreverentes atores de Deboche se apresentam arrancando risos da platéia

Deboche: a peça que faz do público o principal personagem

Durante os meses de janeiro e fevereiro, a peça *Deboche - A Tragédia*, movimentou o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)

imaginação. E viva a literatura!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas (exceto no recesso judiciário e feriados):
Terças e quintas das 14h às 16h
Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

com uma temporada cheia de humor e, é claro, muito deboche. A peça de Thiago Chagas e Celso Andre é, desde o começo, uma via de mão dupla, passando a mensagem de que não há espetáculo sem público. Os espectadores são induzidos a participar desde que colocam os pés no teatro do CCJF. Os atores querem saber quem é cada um ali, estimulam que o público aplauda suas sacadas criativas e que, principalmente, ria de uma piada brilhante – e acredite, são muitas.

Com esquetes divertidas, o espetáculo instiga a sociedade e todos que o assistem. Não há como não responder a todas as provocações, mesmo as mais sutis. O público se faz protagonista da peça enquanto as risadas são a trilha sonora. “Dona Fernandona”, personagem inspirada na atriz Fernanda Montenegro, marcou presença e deixou todos chocados com o talento de Thiago Chagas, que parecia ter, de fato, encarnado a atriz brasileira. A *Foragida do Nosso Lar*, interpretada por Celso André, é uma das personagens que interagem diretamente com um escolhido da plateia. Ela senta no colo e conversa com o “sortudo”.

Logo no início da peça, Celso André adverte: “risada não é para engolir, é para cuspir”. O espetáculo faz, por pouco mais de uma hora, o público ver o lado bom das tragédias de um país que, assim como os atores e roteiristas, encontra no deboche uma forma de sobreviver e resistir aos percalços da vida todos os dias.

Felipe Souza, estudante de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF), assistiu à peça na última semana da temporada. “Quando penso na peça, penso instantaneamente no contraste de uma peça experimental interativa, que normalmente afasta algumas pessoas, mas que tem performances tão boas, que deixam absolutamente todos confortáveis. Os dois atores interagiram diretamente comigo quando entrei no teatro – eles estavam subindo no palco e falaram ‘vem, vem, vem’, sem me deixar minimamente desconfortável, na verdade foi até engraçado e carinhoso”, lembra. Ele também ressalta que os dois atores são hilários e geniais, trazendo referências bem nichadas do mundo *queer*. “São referências clássicas ao cinema com *Crepúsculo dos Deuses* e de tragédias gregas como *Medea* e *Édipo*”, pontuou o estudante.

No dia 13 de fevereiro, a peça recebeu visitas ilustres da Central de Recepção de Idosos Pastor Carlos Portela. Cremildo de Almeida Melo Júnior, educador que acompanhou o grupo de idosos, destacou que, de um modo geral, a maioria do grupo gostou muito da experiência. “Nós, educadores, olhávamos para o rostinho deles e víamos nas expressões de cada um o reflexo do espetáculo. Um exemplo vivo de apreço foi a participação do senhor Paulo, que entrou no espírito da peça e deixou se envolver”, concluiu Cremildo.



Refúgio para a mente (e para os olhos)

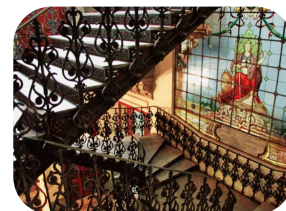


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Grupo Vocal Navegantes, na Sala de Sessões, presenteia o público com talento e carisma



Notas, harmonia e sorrisos: o encanto do Grupo Vocal Navegantes

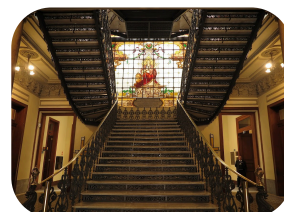
No dia 14 de fevereiro, a Sala de Sessões do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu as portas ao *Grupo Vocal Navegantes*. O espetáculo, regido por Alain Pierre, encantou o público com diferentes gêneros musicais e arranjos especialmente elaborados para o grupo a três vozes.

Apesar de ter sido uma apresentação musical, o grupo não apenas enfeitiçou os ouvidos dos presentes com melodias conhecidas, mas também com os olhares cheios de carisma. O ritmo movimentou os pés e as cabeças de quem acompanhava cada nota, mas foi o entusiasmo dos cantores, com acompanhamento instrumental de violão e percussão, que ficou responsável por arrancar sorrisos da plateia. Vozes, em sua maioria femininas, ecoaram pela sala histórica do CCJF em completa harmonia, com direito até a uma homenagem a Rita Lee, com as músicas *Mãe Natureza* e *Ovelha Negra*. Além da música, o ambiente agradável se deu também por conta das brincadeiras que os cantores faziam entre si, dignas de um erro seguido de um “agora vai”, que fez todos gargalharem. A apresentação foi um espetáculo de carisma, de beleza e, principalmente, de melodia.

“Levar (para a Sala de Sessões) 50 pessoas em uma sexta-feira, próxima ao Carnaval do Rio de Janeiro, é uma tarefa hercúlea...pois lá estavam eles como que entrando por um túnel do tempo, chegando ao início do século XX. E, na hora da música, estava completa a mágica. O roteiro musical trazia um Brasil eclético com canções dos anos 60 até aos dias de hoje, passando por uma comovente homenagem à nossa Rita Lee que há pouco nos deixou”, disse o produtor do evento, Alexandre Barros. Para ele, a cereja do bolo foi a canção *O Cantador* (Nelson Motta e Dori Caymmi), que finalizou trazendo a memória dos famosos festivais, importantes para a nossa cultura popular. “Talvez a reação que mais revele o quão mágico foi o espetáculo

Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** é o primeiro Centro Cultural do Poder Judiciário?

Inaugurado no dia 4 de abril de 2001, o **Centro Cultural Justiça Federal** surge como um novo espaço artístico e cultural na Cinelândia que fortalece a democracia brasileira, possibilita o diálogo do Poder Judiciário com a sociedade e difunde temas relevantes para a cidadania e o respeito às instituições.

está na teimosia do público e do grupo de cantores em deixar o espaço da Sala de Sessões. Era como se estivéssemos completamente abraçados pela nossa história", completou.



Na Oficina, realizada na Sala de Cursos do CCJF, os participantes praticam uma das atividades propostas pela professora Andrea Chiesorin

Corpo, ação e reflexão: Oficina Histórias que o corpo conta

No dia 11 de março, a Sala de Sessões do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** foi cenário de um encontro experimental, a *Oficina Histórias que o corpo conta*. *Corpo, cena, acesso*, idealizado pela atriz, bailarina e preparadora de elenco Moira Braga. Quem ministrou o encontro foi a professora, artista e doutoranda Andrea Chiesorin.

Andrea, que já havia participado da Oficina com Moira, dividiu o encontro em cinco momentos. Com cerca de 10 participantes, a primeira tarefa foi a apresentação de cada um, que dizia o nome, a idade e fazia uma autodescrição — o que, surpreendentemente, foi uma novidade para alguns dos presentes. Na sequência, os participantes realizaram uma espécie de "percepção do corpo presente", um breve aquecimento que exercitava a percepção corporal de cada pessoa. Divididos em dois grupos, um deles permaneceu de olhos fechados, enquanto o outro grupo, com os olhos abertos, conduzia uma proposta de movimento com o corpo.

Já o terceiro momento da oficina foi o da observação do espaço que os participantes estavam inseridos. A ideia era observar as paisagens internas da Sala de Sessões em contraste com as pessoas que ali estavam. Após uma breve pausa, foi feito um trabalho de percepção tátil com bolas de ar, seguido da proposta final do encontro: a formação de grupos para conceber uma cena dramática a partir da experiência que ali tiveram.

Vinculado à Presidência do Tribunal Regional Federal da 2ª Região, ocupa a antiga sede do Supremo Tribunal Federal na cidade do Rio de Janeiro, com 12 galerias, teatro, cinema, sala de cursos, além da Sala de Sessões, plenário da antiga sede do STF.

Um dos participantes, um visitante internacional que até então estava apenas de passagem, declarou estar surpreso com a atividade final da oficina. Ele reparou que o outro grupo fez o contrário do que o grupo dele fez, todos usaram da liberdade, essa era graça. Uma cena foi mais corporal e sonora, já a outra muito verbal e expressiva. Para Andrea Chiesorin e Moira Braga essa é, de fato, a graça da prática da Oficina, ou seja, deixar o corpo livre para contar histórias – e aprender com elas.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Klara Freire

*Com o intuito dos leitores conhecerem melhor as pessoas envolvidas no trabalho do Centro Cultural – ou seja, a equipe formada por servidores, estagiários e terceirizados que “faz acontecer”, todos os dias –, inauguramos nesta edição a série **Por Dentro do CCJF**. A ideia é trazer, a cada mês, um curto bate-papo com um convidado(a), inspirado naquelas boas prosas que acontecem na hora do café e que, muitas vezes, dá uma leveza no dia a dia, sabe?*

A primeira conversa da série é com **Klara Freire**, bibliotecária do CCJF, que conta um pouco sobre as atividades que exerce no cargo e divide conosco alguma curiosidade sobre ela - seja de dentro ou de fora do mundo corporativo.

VITRAL CULTURAL: Klara, o que te fez escolher a profissão de bibliotecária?

Klara Freire: Desde criança sempre gostei de leitura. A coisa ficou mais forte quando me apaixonei por Harry Potter. Não parei mais de ler! Quando estava decidindo qual seria minha profissão, pensei em fazer Direito a fim de tentar a carreira diplomática, mas acabei por escolher a Biblioteconomia; quando a minha mãe leu sobre o curso novo da UFRJ. Foi ela que me incentivou, dizendo ser a minha cara: era uma graduação bem moderna, com perfil inovador, bastante tecnologia no currículo, além da parte tradicional, inerente à área. Comecei a fazer e depois de 3 meses não tive dúvidas: seria bibliotecária!

VITRAL: Quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Klara: Estou no CCJF há 12 anos e 3 meses! Minhas funções mudaram muito ao longo do tempo, pois passei alguns anos no operacional, por assim dizer. Porém, em 2019, minha antiga coordenadora se aposentou e tive de assumir a gestão da unidade. É muito desafiador, pois estar sozinha num setor, sendo a única especialista deixa a gente muito sobrecarregada, principalmente no que tange às decisões gerenciais, que faço

juntamente com a orientação técnica que dou às nossas estagiárias: atendimento ao público (serviço de referência e circulação), catalogação, indexação, classificação, organização física dos itens nas estantes, uso do nosso sistema informativo, atividades de extensão cultural (que hoje conto com uma colega para coordenar esse quesito) etc...

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal?

Klara: Antes de vir para o CCJF, meu primeiro concurso foi exatamente na universidade que me formou: UFRJ. Saí do *status* de graduanda para servidora. Passei lá 1 ano e 7 meses, até tentar o concurso do TRF2, no início de 2012 e ser convocada em outubro do mesmo ano, pois era a 1ª colocada. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois, para nós, bibliotecários, as universidades têm um perfil muito diferente das bibliotecas especializadas, como é o caso das que pertencem a órgãos como os Tribunais. E o interessante é que: apesar de minha preparação para um concurso do judiciário, por ter sido enviada diretamente para o CCJF, nunca atuei em biblioteca jurídica!



Ritmos Brasileiros no Verão: difundir, conhecer, valorizar, difundir

por Claudia Domingues, servidora pública da Justiça Federal, responsável pelo Setor de Música do CCJF

"A letra da música "Querelas do Brasil", de Maurício Tapajós e Aldir Blanc, lançada em 1978 por Elis Regina, ainda retrata uma verdade. Nela é cantado "...O Brasil não conhece o Brasil, o Brasil nunca foi ao Brasil..."

Partindo da premissa de que ninguém gosta do que não conhece e de que a música brasileira possui uma infinidade de ritmos e gêneros populares de diversas regiões do país, realizamos, durante o verão, nos meses de janeiro e fevereiro, apresentações musicais gratuitas no saguão de entrada do **Centro Cultural Justiça Federal - CCJF**. Foram quatro apresentações, em quatro quintas-feiras, sempre das 17h às 18h, sendo um grupo diferente a cada vez.

A ideia de realizar essas apresentações foi tirar os artistas de dentro do teatro e colocá-los ao alcance do público que não tem acesso ou conhecimento sobre eles, aproveitando o horário de saída dos trabalhadores de seus serviços e a cidade movimentada com turistas passantes pela Cinelândia. Os ritmos escolhidos foram os brasileiros, já que nossa música é riquíssima e combina com a alegria e a euforia do verão. Escolhemos especialmente ritmos populares menos difundidos, tais como Roda de Coco, Carimbó, toques de atabaque influenciados pelos terreiros e outros gêneros de diferentes regiões do Brasil, desejando que cada vez mais "o Brasil conheça – e valorize – o Brasil".

O *Grupo Zanzar*, representado por sete mulheres que pesquisam, difundem e promovem ações educativas há 19 anos, inaugurou o festival, em 16 de janeiro, apresentando Roda de Coco, música e dança, colocando o público para participar da roda. Em 06 de fevereiro, Art, um músico negro do Morro da Providência que tem uma escola de música na Pequena África, no Centro do Rio, apresentando uma versão reduzida do seu Bloco de Atabaques - *Atabloc* -, sob

toques de terreiros de Umbanda, trouxe uma pequena parte do seu vasto repertório, que transita entre o profano e o sagrado. Em 13 de fevereiro, o *Bloco dos Inconfidentes*, com forte influência das canções de protesto, chegou com pernas de pau e ritmos brasileiros como Samba Reggae, Jongo, Ijexá e Marchinha. E, fechando o programa, em 27 de fevereiro, na véspera da largada oficial do Carnaval, o *Grupo Aturiá*, composto por mulheres e fundado pela paraense Andréia de Vasconcelos, trouxe o Carimbó Pau e Corda, do universo caboclo amazônico, um prenúncio do que pôde ser visto em sua participação no desfile da Escola de Samba Grande Rio, durante o Carnaval.

Ficamos felizes em presenciar adolescentes de projetos sociais uniformizados e trabalhadores que estavam esperando o transporte público passar para voltarem para suas casas não resistirem e se divertirem com a música e a dança que aconteciam no hall de entrada do Centro Cultural, deixando a volta para casa para mais tarde; servidores públicos de outros órgãos e funcionários de empresas com suas mochilas nas costas cederem à curiosidade e se alegrarem junto com todos; profissionais terceirizados do CCJF espiarem com ar de surpresa os toques de terreiro, talvez tão familiares para alguns deles, mas, desta vez, dentro de seus próprios serviços; turistas estrangeiros que estavam circulando pela Cinelândia caírem na dança entusiasmadamente.

Democratizar a arte, colocando-a inesperadamente no caminho, levando um pouco de alegria ao dia a dia, muitas vezes pesado, das pessoas de variadas idades e origens e, ao mesmo tempo, difundir nossa cultura popular para os estrangeiros e para os próprios brasileiros foi nosso objetivo, atingido com satisfação ao ver a harmonia e o clima de alto astral entre todos.

Difundir essa rica cultura para as pessoas conhecerem; conhecendo-a, poderão valorizá-la; valorizando, irão replicá-la, difundindo-a. E segue o ciclo.

*Clara Walsh, que além de servidora pública também é cantora, e a estagiária de Produção Cultural Natália Pascarillo compõem, juntamente comigo, a equipe de Música do CCJF. Quero agradecer a elas por terem se juntado a mim tornando possível realizar o projeto, além de toda a equipe do CCJF que acolheu e deu força à ideia.



CCJF

[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para thaisthimoteo@gmail.com por imprensa.ccfj@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™ [Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.